

POLÍTICA

Nem Congresso nem militares querem derrubar Bolsonaro, diz consultor cotado para embaixador nos EUA



Murillo de Aragão acredita que hipótese de articulação dos militares para derrubar o presidente é 'lunática'

Imagem: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



Mariana Schreiber

Brasília

23/05/2019 15h19

O Congresso "não quer emparedar" o governo de [Jair Bolsonaro](#), e a hipótese de uma articulação dos militares para derrubar o presidente é "lunática".

Essa é a avaliação do presidente da Arko Consultoria, Murillo de Aragão, que após quase quatro décadas de atuação como consultor político em Brasília se tornou um interlocutor privilegiado junto a autoridades dos três Poderes da República.

VEJA TAMBÉM

["Moro mostrou ao governo que diálogo pode gerar resultados", diz Maia](#)

[Empresários mudam de ideia e decidem apoiar manifestação pró-Bolsonaro](#)

["Se não quer carregar o piano, sai de cima?", afirma líder do PSL sobre DEM](#)

Em entrevista à BBC News Brasil sobre a turbulência prematura do governo, Aragão atribui as dificuldades de Bolsonaro à "narrativa agressiva" mantida pelo presidente após a eleição.

Evitando fazer previsões sobre as manifestações convocadas por apoiadores do presidente para o domingo -- mobilização que ganhou forte caráter de crítica ao [Congresso](#)--, ele ressalta que a opção de Bolsonaro de não formar uma coalizão com diferentes partidos deu mais independência ao Congresso.

Ainda assim, Aragão acredita que pautas de interesse do governo, como a reforma da Previdência, serão aprovadas, após alguns ajustes.

"Pelo que eu converso [com parlamentares], e eu conversei com o Rodrigo Maia [presidente da Câmara] várias vezes nos últimos tempos, não vejo a menor disposição do Congresso de emparedar o governo", ressalta Aragão, que desde 2017 preside também o Conselho de Comunicação Social do Congresso.

"E os militares vão apoiar o Bolsonaro até o final porque são disciplinados, leais e hierarquizados. Eles podem não estar gostando, mas [imaginar] que eles conspirariam [contra Bolsonaro] jamais", reforça.

A interlocução com empresários e investidores americanos levou Aragão a ser cotado para cargo de [embaixador brasileiro nos Estados Unidos](#), país onde há quase três décadas atua como palestrante.

Em 2017, começou a dar aulas sobre sistema político brasileiro na Universidade Columbia, em Nova York.

Aragão confirma ter a simpatia de setores da equipe econômica e da ala militar do governo para assumir o posto. O chanceler Ernesto Araújo, porém, tenta emplacar [Nestor Forster](#), diplomata que o apresentou para o escritor [Olavo de Carvalho](#), segundo a imprensa brasileira.

A disputa levou Aragão a também ser alvo de ataques do grupo dos chamados "olavistas". Em março, Carvalho chamou o consultor de "petista" e "homem de [Lula](#)" por sua atuação no Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o Conselhão, que periodicamente reunia representantes de diversos segmentos da sociedade para discutir temas conjunturais no Palácio do Planalto.

Aragão integrou o órgão de 2007, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, até 2018, no governo de Michel Temer. [Bolsonaro extinguiu o conselho](#).

Confira abaixo os principais trechos da entrevista:

Sem base política, o presidente Bolsonaro tenta se fortalecer frente ao Congresso por meio da mobilização popular. A convocação de protestos com esse mote é uma jogada arriscada? Quais podem ser os efeitos dessas manifestações?

Murillo de Aragão - Temos que ter cautela nesse momento para analisar qualquer desdobramento dessa questão. Em primeiro lugar, o Bolsonaro está sendo coerente com o discurso político que o elegeu, de nova [política](#). Isso não surpreende. O segundo ponto é que esse discurso obviamente tem consequência, ele gera uma autonomia maior por parte do Congresso Nacional.

É um processo que vem ocorrendo desde quando a Dilma Rousseff assumiu [como presidente, em 2011] e tinha dificuldades de estabelecer um relacionamento político com o Congresso, o que gerou uma autonomia do Legislativo.

Na hora que o governo [Bolsonaro] propõe um novo tipo de relacionamento, mas esse relacionamento não está ainda muito claro, o Congresso se sente liberado para exercer suas competências. E o Congresso é tão legítimo quanto o presidente porque o Congresso também foi eleito, também é governo.

Na verdade, o que a gente tem não é uma crise de relacionamento, mas uma afirmação institucional do Congresso frente um novo modelo de política que ainda não está claro.

O presidente parece não reconhecer essa legitimidade ao atacar o Congresso.

Aragão - Essa narrativa eu não concordo inteiramente. Tanto que ele falou: "se o Congresso tem uma proposta de [reforma da Previdência](#) melhor, que coloque em votação". O discurso central do Bolsonaro é contra o [toma lá dá cá](#) que existiu nos governos anteriores, na concepção dele, mas não contra a autonomia do Congresso.

Agora, como ele adota uma narrativa mais agressiva, isso gera uma reação porque o Brasil funciona com o software do consenso, não com o software do confronto. Essa narrativa que existiu na campanha eleitoral e ainda contamina a atitude do governo no seu início gera desconforto, ela gera mais calor do que luz, isso cria esse ambiente de confusão institucional.

O governo tem batalhas importantes nos próximos dias e semanas, como aprovar a medida provisória que mudou a estrutura do governo e o crédito suplementar para não desrespeitar a regra de ouro (que impede que o governo se endivide para pagar despesas correntes). Como vê a disposição do Congresso para aprovar essas pautas?

Aragão - O Congresso vai aprovar as pautas em discussão. Isso vai acontecer. Mas o Congresso irá promover mudanças nessas pautas.

Pelo que converso [com parlamentares], e eu conversei com o Rodrigo Maia [presidente da Câmara] várias vezes nos últimos tempos, não vejo a menor disposição do Congresso de emparedar o governo.

O Congresso não quer emparedar o governo, mas que exercer sua autonomia e as suas prerrogativas de dar opiniões sobre as questões, porque, do contrário, não precisava do Congresso.

Com relação à Previdência, o Congresso está totalmente comprometido em aprovar uma reforma consistente, isso deve acontecer até o final do ano nas duas Casas [Câmara e Senado].

Passando essas pautas difíceis, a relação entre governo e Congresso talvez possa se distender um pouco?

Aragão - Eu não sei se a palavra certa é distender, mas tenho certeza de que o Congresso passará a ter algumas prerrogativas, algumas atitudes de maior independência com relação ao governo. Acho que isso não tem volta.

Por exemplo, além da discussão sobre tornar o Orçamento totalmente impositivo [o que tornaria obrigatória a execução do Orçamento exatamente como aprovado pelo Congresso], há um debate sobre o controle das alíquotas de IPI, que o senador Tasso Jereissati (PSDB-CE) está propondo [para limitar a capacidade do governo

de mexer no Imposto sobre Produtos Industrializados]. Já há também um debate sobre uma emenda parlamentarista [para alterar o regime de governo do país, criando o cargo de primeiro-ministro].

O Congresso pode também impor restrições à edição de medidas provisórias, que ainda é muito relaxada, pode revogar iniciativas do Executivo via decreto legislativo [como o decreto recente de Bolsonaro para flexibilizar o [acesso a armas](#)].

Então, o que eu vejo é que, na medida que o Bolsonaro não propõe um governo de coalizão [com os partidos presentes no Legislativo], mas sim um governo de agendas, as agendas serão feitas em comum acordo com o Congresso, isso dará independência ao Congresso. Isso é absolutamente democrático. A gente pode não gostar do Congresso, mas a democracia funciona assim.

Um governo de agenda ou um governo de enfrentamento?

Aragão - O enfrentamento é natural. Como o Brasil é um país que sempre funcionou no consenso, na hora que você tem um software de enfrentamento, um software de discussão, isso gera esse tipo de estranhamento. Mas eu vejo que essa questão é muito importante hoje para o Brasil, porque nunca antes na história do Brasil, para repetir [a expressão do] Lula, as questões foram colocadas de forma tão grande.

A gente discute a reforma da previdência há 30 anos, mas sempre assim, à meia boca, não querendo ofender os funcionários públicos, não querendo ofender aqueles que têm privilégios, sempre um negócio meio devagar.

E hoje você tem um ministro [Paulo Guedes, da Economia] que diz o seguinte: "olha, nós estamos quebrados, o Judiciário tem aposentadoria média de tantos mil [R\$ 18 mil, segundo dados de 2017] e para o trabalhador privado é pouco mais de mil reais. Vocês estão topando pagar isso aí?".

Essas questões colocadas assim estão desnudando problemas do Brasil que sempre foram meio encobertos. Isso é novo na política brasileira, e não é ruim, desde que, claro, se mantenha dentro da boa educação, o que algumas vezes não parece existir, e dentro das regras da democracia. E que vença quem tiver mais voto.

Mas essa política de enfrentamento do Bolsonaro em várias frentes, com discurso radicalizado, não gera certa paralisia no governo, afetando a disposição dos empresários para investir?

Aragão - É verdade. Como eu disse, faz parte da democracia [o conflito], desde que as coisas ocorram com boa educação e nos limites da democracia. Eu não gosto, obviamente, da mediatização excessiva dos confrontos, dos ataques, das perseguições, do uso das redes sociais para vilanizar os adversários. Isso é muito feio e isso é ruim, porque tem efeito colateral importante.

O Brasil tem outra característica também: não tolera o mau humor. O governo Dilma tinha uma imensa carga de mau humor, isso contaminou o país, tanto que as manifestações eram robustas. Contra o Temer, que teve problemas até mais graves que a Dilma, nunca conseguiram levar às ruas uma multidão porque ele não contaminou o país com mau humor.

Ele era um cara elegante, cordato. Essa lição o governo tem que aprender: tem que defender suas posições, mas não pode lançar mão da irritação, da agressividade, porque isso pode trabalhar contra ele.

Além dos problemas com o Congresso, o governo tem enfrentamentos internos. A ala mais ligada a Olavo de Carvalho considera que o vice-presidente Hamilton Mourão teria pretensões de ocupar o lugar de Bolsonaro. O senhor considera possível uma articulação dos militares para derrubar o presidente?

Aragão - Não, eu acho essa hipótese lunática. Jamais os militares iriam conspirar contra um presidente eleito. Por mais que setores deles tenham ficado insatisfeitos com ataques que os militares receberam do governo, eles são absolutamente hierárquicos, e o presidente da República é o comandante em chefe das Forças Armadas.

Essa noção de hierarquia está muito clara dentro do relacionamento deles com o presidente.

Outro ponto é que uma derrubada não nasce de um dia para o outro. Se você fizer uma analogia com o que ocorreu em 1964 [golpe militar que derrubou o presidente João Goulart], 64 é resultado de um caminhar de eventos que ocorrem desde os anos 20, que passa pela revolução de 30 [que levou Getúlio Vargas à Presidência], que passa pela Intentona Comunista [tentativa de derrubar Vargas], que passa pela redemocratização em 1945, pelo suicídio de Getúlio [em 1954], pela eleição de Jânio Quadros [em 1960], a vinda do João Goulart [vice-presidente que assume o comando do país em 1961 com a renúncia de Quadros], o tumulto que foi o governo Goulart, sobretudo econômico.

Tudo isso gerou 1964, não tem nada a ver com a situação que existe hoje. E os militares vão apoiar o Bolsonaro até o final porque são disciplinados, leais e hierarquizados. Eles podem não estar gostando, mas [imaginar] que eles conspirariam [contra Bolsonaro] jamais.

Não me refiro a um cenário como 1964. O senhor não vê a possibilidade de o Mourão fazer um papel parecido com o do Michel Temer, que se colocou disponível para assumir o governo e teria articulado o impeachment da Dilma?

Aragão - Eu estou em Brasília desde 1981, acompanhei de perto todos esses episódios, e muito de perto alguns deles, conversando com os protagonistas do processo. O Michel Temer não conspirou pelo impeachment. O impeachment foi resultado de uma absoluta incompetência da Dilma Rousseff que não conseguiu ter 200 votos a favor dela [dos 513 deputados federais]. Então, não houve uma conspiração, o que houve foi uma onda contra a Dilma para colocar o Michel.

O Michel surfou uma onda, mas ele não criou essa onda. Ele não chegou e disse "vamos derrubar a Dilma". Isso é quando aparece no seriado O Mecanismo [produção da Netflix sobre a crise política brasileira] o Michel e o Aécio [Neves, então senador e presidente do PSDB] brindando o impeachment como se fosse uma conspiração, isso não aconteceu. Isso é uma narrativa para boi dormir.

O que aconteceu é que o Aloizio Mercadante, como chefe da Casa Civil [de Dilma], prejudicou a coordenação política do Michel [durante o governo Dilma]. Então, o Michel diz à Dilma que vai abrir mão do cargo porque não tem condições de fazer a articulação política por falta de apoio, sobretudo do Mercadante e da equipe econômica dela.

Ali desmonta o governo, porque o Michel ajudou o governo quando era articulador. O Lula pediu a ele para assumir a articulação. Quando ele deixou de ter condições, ele sai, a Dilma assume [a articulação política] e bate nas pedras com o governo dela. Então, a conspiração ali não existiu, o que houve foi uma brutal incompetência.

Os militares parecem se ressentir da falta de uma ação maior de Bolsonaro para conter os ataques. O presidente precisa mediar melhor os conflitos internos?

Aragão - Não acho que isso seja uma questão dos militares, é um sentimento generalizado. Os investidores assistem isso e a imagem que passa é de fragilidade da Presidência, porque se você indica um ministro e esse ministro é trucidado por seus aliados, ou o ministro não serve ou os aliados têm que se convencer que aquela é uma escolha do presidente.

O que o mercado ressentido é a ausência de contenção desses conflitos dentro de uma base de educação, de respeito, sobretudo ao presidente da República e a escolha que ele fez dos seus ministros.

Segundo a imprensa brasileira, seu nome foi cotado para assumir a embaixada brasileira nos Estados Unidos. Isso é verdade?

Aragão - Sim, meu nome foi especulado, mas eu não recebi nenhum convite. Obviamente fiquei muito honrado com a lembrança e não sei se isso vai acontecer, nem tenho uma posição firmada sobre esse tema.

Eu tenho quase 30 anos de relacionamento com investidores explicando o Brasil, mesmo antes do impeachment do [ex-presidente Fernando] Collor [em 1992] eu já fazia palestras em Wall Street [centro financeiro de Nova York], explicando a dinâmica econômica e política do Brasil para investidores. Talvez por isso eu tenha sido lembrado.

E o senhor aceitaria um convite?


Aragão - Isso eu não posso falar porque o convite não veio.

O seu nome foi levado ao presidente pela ala militar?

Aragão - Não, isso não é verdade. O que houve foi uma conjunção de setores que manifestaram que eu poderia ser um bom embaixador para dinamizar as relações econômicas e de investimento. Isso veio principalmente do setor privado, com a simpatia de setores da equipe econômica também.

Os militares tomaram conhecimento e alguns demonstraram simpatia, não um apoio, mas simpatia de que podia ser um bom nome. Mas não houve um apoio até porque a escolha é exclusiva do presidente Jair Bolsonaro, de mais ninguém.

COMUNICAR ERRO 

 Newsletters

| RESUMO DO DIA

Para começar e terminar o dia bem informado.

pbfreitas@hotmail.com

CADASTRAR



Brasileira é encontrada morta em quarto de hotel no Chile



Moro, pavão vistoso, vira urubu do estado de direito e dá bicadas em Fachin



Calor causa infestação de lagarta tóxica na Europa

Governo Bolsonaro Notícias

2 Comentários



◀
Escreva seu comentário*

* Ao comentar você concorda com os termos de uso. Os comentários não representam a opinião do portal, a responsabilidade é do autor da mensagem. [Leia os termos de uso](#)



marcos silva rj
🕒 28/05/2019 21h06

Deu ruim, tenta daqui a 4 anos... Esse pensamento esquerdista não condiz com a maioria e muito menos com os anseios dos milhões que foram às ruas em favor do Presidente.

👍 1 | ↩ Responder | 🚩



Paulo Henrique
🕒 23/05/2019 17h40

Janaína Pachoal já pulou do barco, Lobão também. Se nem eles aguentam mais o Bozo, imagine os congressistas e a população. Questão de tempo para um impeachment.

👍 0 | ↩ Responder | 🚩

Mais Política

Estadão Conteúdo - Política

Delação não cita entregas de R\$ 14 milhões da Odebrecht
08/07/2019 11h30



Estadão Conteúdo - Política
Moro vai tirar licença 'para tratar de assuntos particulares'
08/07/2019 10h24

Estadão Conteúdo - Política

'Presidente de Supremo não faz pacto político', diz jurista
08/07/2019 08h39



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Aprovação e reprovação de Bolsonaro se igualam em 33%, aponta Datafolha

08/07/2019 08h16



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Relatório da Funai aponta sucateamento de aviões que deveriam garantir atendimento a índios

08/07/2019 07h49

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Bolsonaro tenta capitalizar título do Brasil no Maracanã

08/07/2019 07h23



[UOL Notícias - Política](#)

STF tolerou abusos cometidos pela Lava Jato, diz ex-presidente do Supremo

08/07/2019 04h00



[UOL Notícias - Política](#)

Risco de mais violência com decretos de armas é "especulação", diz AGU

08/07/2019 04h00



[Tales Faria](#)

Aprovação do texto-base da reforma está assegurada; destaques são problema

08/07/2019 04h00

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Bolsonaro participa de entrega da premiação no Maracanã sob vaias e aplausos

07/07/2019 21h48



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Moro parabeniza seleção por vitória na Copa América via Twitter

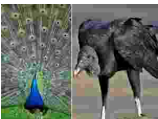
07/07/2019 21h09



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Bolsonaro e Moro estão no Maracanã para a final da Copa América

07/07/2019 16h59



[Reinaldo Azevedo](#)

Moro, pavão vistoso, vira urubu do estado de direito e dá bicadas em Fachin

07/07/2019 16h29

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Bolsonaro deixa Alvorada rumo ao Rio e evita comentar sobre placar da reforma

07/07/2019 14h44

[Estadão Conteúdo - Política](#)

No Twitter, Moro diz que Brasil e Peru fazem 'o clássico da Lava Jato'



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Guedes só responderá sobre investigação de Glenn Greenwald após ser notificado

07/07/2019 14h40



[UOL Notícias - Política](#)

Venezuelana citada em vazamento da Lava Jato publicou delação sigilosa

07/07/2019 13h51



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Com reformas, grupos de lobbies dobram na Câmara

07/07/2019 13h00



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Pesca, internet e armas são os temas mais presentes nas 'lives' de Bolsonaro

07/07/2019 13h00

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Onyx: Com pé no chão, dá para ter margem de 330 votos para aprovar Previdência

07/07/2019 12h04



[Estadão Conteúdo](#)

Guedes, Moro e mais 18 vão com Bolsonaro à final da Copa América

07/07/2019 11h52



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Moro diz que não vai 'desistir de missão' no ministério por 'falsos escândalos'

07/07/2019 10h46



[UOL Notícias - Política](#)

Moro defende ação da Lava Jato ao interferir na Venezuela: "É sério isso?"

07/07/2019 10h31

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Eleitores de cinco municípios brasileiros voltam às urnas neste domingo

07/07/2019 09h52



[Reinaldo Azevedo](#)

"Foro de S. Paulo de Moro" e flerte de Deltan com guerra civil na Venezuela

07/07/2019 09h33

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Cresce tendência de emendas parlamentares direcionadas por meio de 'editais'

07/07/2019 08h10



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Ex-aliado do PT defende reforma da Previdência de Bolsonaro: "É ele que está pilotando o avião"

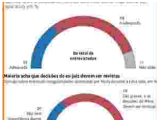
07/07/2019 07h52



Agência Brasil

Eleitores de cinco municípios vão às urnas hoje escolher novos prefeitos

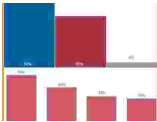
07/07/2019 07h02



Reinaldo Azevedo

Maioria dos brasileiros não cai no papo-furado de Moro e da Lava Jato

07/07/2019 06h25



Reinaldo Azevedo

O pensamento da maioria sobre a prisão de Lula e o erro de abordagem do PT

07/07/2019 06h24



Reinaldo Azevedo

Moro vira um pato manco: agora Bolsonaro lhe dá prestígio, não o contrário

07/07/2019 06h23



UOL Notícias - Política

Lula, FHC, Faustão, STF e mais: o que vazou de Moro e Lava Jato até agora

07/07/2019 04h00



UOL Notícias - Política

Grupo de direita da periferia de SP cresce com linha dura e polêmicas

07/07/2019 04h00



UOL Notícias - Política

Eduardo Bolsonaro usa foto com artistas para relativizar trabalho infantil

07/07/2019 01h12

Estadão Conteúdo - Política

Jornalista Salomão Schwartzman morre aos 83 anos em São Paulo

06/07/2019 20h31



Reinaldo Azevedo

Estado policial: Moro já fez o que o PT não ousou nem para tentar se salvar

06/07/2019 20h29



Reinaldo Azevedo

Dada outra grave ilegalidade, Moro enrola. E o morista Randolfe. Ou já ex?

06/07/2019 20h28



Reinaldo Azevedo

Moro nunca foi tão perigoso: mais fraco e ainda forte, será servil ao rei

06/07/2019 20h27



Estadão Conteúdo - Política

Equipe do governo é um "amontoado de gente" que bate cabeça, diz Amoêdo

06/07/2019 20h23

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Pesquisa Datafolha indica que 58% consideram inadequadas as conversas de Moro

06/07/2019 18h34

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Brasil é exemplo para o mundo na preservação ambiental, diz Bolsonaro no Twitter

06/07/2019 15h57



[Estadão Conteúdo - Política](#)

Defesa vê 'armação' e pedirá extradição de militar preso com 39 kg de cocaína

06/07/2019 13h23



[Estadão Conteúdo - Política](#)

TCU dá prazo de 24 horas para Guedes esclarecer se Coaf investiga Glenn Greenwald

06/07/2019 13h12

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Omar Aziz: Expectativa é aprovar reforma da Previdência na próxima semana

06/07/2019 13h07

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Rogério Marinho também participa de reunião com Rodrigo Maia

06/07/2019 13h02



[UOL Notícias - Política](#)

"Bem-vindo ao Telegram": frases revelam Moro "tico e teco da informática"

06/07/2019 11h46

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Juízes e promotores lança campanha contra pontos da reforma da Previdência

06/07/2019 09h28

[Estadão Conteúdo - Política](#)

Facebook, Microsoft e IBM se unem para revolucionar identidade digital

06/07/2019 09h19

VER MAIS